

BAJUBÁ: LINGUAGEM DE GRUPO LGBTT COMO REPRESENTAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E CULTURAL



Revista
Desafios

Artigo Original
Original Article
Artículo Original

Bajubá: LGBTT group language as a socio-historical and cultural representation

Bajuba: lengua de grupo LGBTT como representación socio-histórica y cultural

Karylleila dos Santos Andrade¹, Sheila de Carvalho P. Gonçalves², Filipe Porto³, Luciana C. e Silva Andrade⁴

¹ Doutora em Linguística, Profa. dos Programas de Pós-Graduação em Letras/UFT, campus de Porto Nacional e de Araguaína, Tocantins, bolsista produtividade do CNPq.

² Doutora em Análise Linguística, Professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos da Linguagem PPGEL da Universidade Federal de Goiás, UFG, campus de Catalão.

³ Graduado em Teatro, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, Tocantins.

⁴ Graduada em Teatro, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, Tocantins.

*Correspondência: Curso de Artes – Universidade Federal do Tocantins, Av. NS 15, 109 Norte, Palmas, Tocantins, Brasil. CEP:77.010-090. e-mail karylleila@gmail.com

Artigo recebido em 07/08/2018 aprovado em 18/10/2018 publicado em 31/12/2018.

RESUMO

Este trabalho trata do estudo do vocabulário de grupo (ou gíria de grupo), conhecido como *bajubá*, utilizado pela comunidade LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros) na cidade de Palmas, Tocantins. O objetivo é descrever os vocábulos que tenham traços de procedência/origem nas línguas africanas, considerando o uso da linguagem como representação sócio-histórica e cultural pertencente a um grupo. O estudo é do tipo pesquisa de campo, descritivo e qualitativo. Os autores Santos (2011), Mendonça (2012), Pessoa de Castro (2005), Preti (1983), Vip e Libi (2006), Lopes (2012) e Beniste (2011) serviram de suporte teórico e metodológico. Os resultados da análise do *corpus* apresentam traços de procedência das línguas do grupo Niger-Congo, subgrupo bantu e oeste-africano ou sudanês.

Palavras-chave: *Bajubá* LGBTT. Vocabulário de grupo. Contexto sócio-histórico e cultural.

ABSTRACT

This paper deals with the in-group vocabulary (or in-group slang) known as bajubá, employed by the LGBTT (lesbian, gay, bisexual, transvestite and transgender) community in the city of Palmas city, in the State of Tocantins. Its purpose is to describe words which have traits of provenance/origin in African languages, considering the use of the language as a socio-historical and cultural heritage belonging to a group. This study is a descriptive and qualitative field research. The authors Santos (2011), Mendonça (2012), Pessoa de Castro (2005), Preti (1983), Vip and Libi (2006), Lopes (2012) and Beniste (2011) supplied the theoretical and methodological support. The results of the corpus analysis present traits of provenance of the Niger-Congo group, Bantu and West-African or Sudanese subgroup.

Keywords: *Bajubá* LGBTT. In-group vocabulary. Social-historical and cultural context.

RESUMEN

Este trabajo trata del estudio del vocabulario de grupo (o jerga de grupo), conocido como bajubá, utilizado por la comunidad LGBTT (Lesbianas, Gays, Bissexuales, Travestis y Transgéneros) en la ciudad de Palmas, Tocantins. El objetivo es describir los vocablos que tienen rasgos de procedencia / origen en las lenguas africanas, considerando el uso del lenguaje como representación sociocultural y cultural perteneciente a un grupo. El estudio es del tipo de investigación de campo, descriptivo y cualitativo. Los autores Santos (2011), Mendonça (2012), Pessoa de Castro (2005), Preti (1983), Vip y Libi (2006), Lopes (2012) y Beniste (2011) sirvieron de soporte

teórico y metodológico. Los resultados del análisis del corpus plantean rasgos de procedencia de las lenguas del grupo Niger-Congo, subgrupo bantu y oeste-africano o sudanés.

Palabras clave: *Bajubá* LGBTT. Vocablo de grupo. Contexto socio-histórico y cultural.

INTRODUÇÃO

O *bajubá* é conhecido como uma linguagem de uso que faz parte da interação e da construção da identidade de grupo LGBTT. Usada inicialmente por travestis, o *bajubá* acabou se expandindo para o grupo, o que tem possibilitado transformações, incorporações e ressignificações de muitos vocábulos.

Cabe ressaltar, desde o início desta discussão, a escassez de estudos de cunho científico na área da ciência da linguagem a respeito do *bajubá* como vocabulário de grupo. Nos poucos trabalhos que se propuseram a estudar essa temática, encontramos uma observação que subsidia, em grande parte, esta pesquisa: a de que a sua procedência tem origem na cultura e nas línguas africanas, especialmente no iorubá (Silva Filho, 2010).

Partindo dessa premissa, cuja afirmação pode ser considerada verdadeira dentro do posicionamento de Silva Filho (2010), e dada a escassez de material e de discussão teórica mais sistematizada, esclarecemos que este estudo se deu em duas etapas: na primeira fizemos uma pesquisa de campo e coletamos um pequeno *corpus* de palavras¹ consideradas pela maioria dos entrevistados como sendo *obajubá* ou, ainda, pertencentes a uma linguagem de grupo denominada por eles ‘linguagem gay’, ‘linguagem homossexual’, ‘linguagem própria’, ‘bixês’ ou apenas ‘gíria’. Uma parte dos entrevistados preferiu não nomeá-la e um dos

entrevistados descreveu-a como uma ‘linguagem engraçada e vulgar’. Na segunda, a partir do *corpus* levantado, realizamos um breve estudo com o objetivo de verificar se havia indicativo de procedência ou não, com maior ou menor grau, de os vocábulos² terem suas origens (ou reminiscências) em línguas africanas. Para essa etapa, selecionamos seis obras de referência: *Aurélia, a dicionária da língua afiada* (Vip e Lib, 2006), *Novo dicionário da língua portuguesa* (Ferreira, 2010), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (Houaiss e Villar, 2010), *Novo dicionário banto do Brasil* (Lopes, 2012), *Dicionário yorubá-português* (Beniste, 2011) e *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* (Pessoa de Castro, 2005). A primeira obra, *Aurélia, a dicionária da língua afiada*, serviu de referência para a sistematização de dados, uma vez que se intitula como sendo uma compilação de palavras usadas no universo do grupo LGBTT. O título revela o tom jocoso e irônico quando relacionado ao dicionário Aurélio, referência nacional da língua portuguesa. Os dicionários Aurélio e Houaiss foram utilizados para certificar se as unidades já se estavam dicionarizadas. Os dicionários *Novo dicionário banto do Brasil*, *Dicionário yorubá-português* e *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* são especializados em línguas africanas.

Em uma possível resposta à questão de como determinados vocábulos de procedência de línguas

¹A noção de palavra, a partir da análise linguística, não contempla um rigor científico propriamente dito, já que não há consenso sobre o seu conceito, mesmo assim continua sendo utilizado por linguistas. É o caso de Vilela (1994, p. 52-53), que atribui à palavra o conceito de unidade semântico-lexical, unidade do sistema, palavra, a realização do lexema em nível da fala e, ainda, as formas de palavra, a combinação, no plano do discurso, de morfemas lexicais e gramaticais. O significado lexical de palavra é o resultado dos elementos que a constitui (bases, afixos e paradigmas formativos), embora este significado lexical da palavra derivada traga consigo os significados literal, figurativo, contextual e

enunciativo-pragmático. Estudar as palavras de uma dada língua é o objeto da lexicologia em todos os seus aspectos morfossintático, semântico, fonético-fonológico e discursivo-pragmático e, ainda, o etimológico. O autor propõe estudar a formação de palavras atendendo apenas aos planos da “languagem” e da “norma” (no sentido coseriano), mas esclarece que utilizando este critério deixa de fora muitos elementos. (Vilela, 1994, p. 52)

² Neste estudo utilizaremos o termo “vocábulo” no lugar de “palavra” por pertencer ao vocabulário do grupo LBBTT conhecido como *bajubá*.

africanas foram incorporados ao português brasileiro, Pessoa de Castro (2005, p.78) aponta que os africanos, trazidos para o Brasil no período da escravidão, são os responsáveis pela difusão das línguas africanas no país, bem como pela interferência dessas línguas na língua portuguesa. A esse respeito Dino Preti chega a afirmar que “o vocabulário é o campo da língua que melhor espelha a dinâmica social” (Preti, 1992, p. 93). Com isso entendemos que a língua, a todo momento, reflete as transformações e as dinâmicas do meio social e dos indivíduos que o compõem e fazem uso dela.

Este estudo consiste, portanto, na compreensão, a partir da coleta de dados, dos vocábulos que tenham origem nas línguas africanas, os quais fazem parte do vocabulário de grupo LGBTT (*bajubá*), utilizados na cidade de Palmas, Tocantins, considerando o uso da linguagem como representação sócio-histórica e cultural de uma determinada comunidade, especialmente, quando em situação de marginalização.

Este artigo está dividido em cinco partes, a saber: a primeira corresponde a uma breve anotação sobre as línguas africanas, mais especificadamente as da família linguística Níger-Congo (banto e iorubá); a segunda discute a temática *bajubá* como vocabulário de grupo e apresenta apontamentos sobre a diferença entre léxico e vocabulário, palavra e vocábulo; a terceira parte discute questões de cunho sócio-histórico e cultural do uso do *bajubá*; a quarta compreende os pressupostos metodológicos: amostra, calibragem, coleta, descrição e análise de dados; a quinta apresenta os resultados e as discussões como também uma breve amostra do glossário *bajubá* e, por fim, as considerações finais.

As línguas africanas: breves anotações sobre a família linguística Níger-Congo (banto e iorubá)

O continente africano é, de maneira especial, um universo linguístico plurilíngue e pluricultural onde são faladas mais de 2000 línguas. Segundo Mendonça (2012, p. 17), a África engloba quatro grandes grupos etnolinguísticos ou quatro famílias de povos com suas respectivas línguas: a) afroasiática, antes chamada de hamito-semítica, que compreende a região da África do Norte; b) khoisan, dos povos Khoi e San, localizados no deserto de Kalahari; c) nilo-saariana, com as línguas nilóticas do sul do Sudão e do Saara e d) Níger-Congo, grupo que mais nos interessa para este estudo.

Mendonça (2012) assinala:

O Níger-Congo, maior família linguística, com cerca de 1.500 línguas, que abrange dois grandes grupos: o *banto*, localizado abaixo da linha do equador, ao longo da costa atlântica, que vai do Senegal à Nigéria, na região do Golfo do Benin, com línguas tradicionalmente denominadas de sudanesas. Entre elas, as do grupo linguístico *gbe* ou *ewe-fo* do Togo, Gana e Benin, antigo Daomé, conhecidas no Brasil por *minas* ou *jejes*; e o *iorubá* falado na Nigéria Ocidental e no vizinho reino de Ketu, no Benin atual, onde é chamada de *nagô* (Pessoa de Castro³ *apud* Mendonça, 2012, p. 17) (grifo nosso)

Ressaltamos que a denominação “banto e iorubá” é bem recente na história da África. Os primeiros, a partir da nossa história colonial, eram identificados por congos, angolas, benguelas e outros, de acordo com a região de procedência. E os iorubás, no Brasil, são ainda reconhecidos ou apelidados de *nagôs*. “O termo *iorubá* começou a ser divulgado e popularizado entre nós a partir de 1961, quando foi oferecido o primeiro curso dessa língua pelo antigo CEAQ - Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA”,

³ A estudiosa Pessoa de Castro prefaciou a obra de Mendonça (2012, p. 17)

conforme atesta Pessoa de Castro⁴ (*apud* Mendonça, 2012, p. 19).

De acordo com Mendonça (2012, p. 60), a procedência dos negros brasileiros é da África superequatorial e meridional, ou seja, sudanesa e banta. Dos sudaneses vieram as nações: jalofos, mandingas, fulos, haussás, iorubás ou nagôs, achanti e jejes ou ewes. Foram levados, sobretudo, para a região da Bahia. Os negros bantos foram os angolas, congos ou cabindas, benguelas, cassanges, bângalas ou inbângalas, dembos, macuas e anjicos. Os de origem banta predominaram na região sudeste do país: Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e também na Região Norte, Pernambuco e Maranhão.

Quanto às línguas que mais foram faladas em território nacional, citamos: “Nagô ou iorubá, quimbundo, gege (*sic*) ou ewe, kanuri ou nifé, e guruncis. [...] Dessas destacaram-se duas, as quais foram adotadas pelos negros no país como línguas gerais: o nagô ou iorubá na Bahia, e o quimbundo no Norte e no Sul” (Mendonça, 2012, p. 63). O quimbundo pertence à família banto, grupo ocidental.

O *bajubá* como representação sócio-histórica e cultural

Uma das explicações para o parentesco do *bajubá* com algumas línguas africanas estaria na afinidade dos travestis com o candomblé - religião de origem africana, muito receptiva a homossexuais - que teria sido, portanto, uma das possíveis fontes de vocabulário. Mendonça (2013) explica:

[...] a maioria das *lexias*⁵ pertencerem à linguagem religiosa das Casas de candomblé, utilizadas pelos adeptos desta religião nos rituais e cerimônias de candomblé, facilitadas (*sic*) seu conhecimento em

razão do acesso aos cursos práticos de línguas negroafricanas cada vez mais frequentes, ofertados à comunidade em geral. (Mendonça, 2013, p.158).

A observação de Mendonça (2013, p. 158) sugere que as religiões afro-brasileiras seriam, então, um dos principais canais de manutenção das línguas africanas, havendo inclusive o caso de cursos práticos ofertados à comunidade nas casas de candomblé. O que nos leva a sugerir, também, que a inclinação dos travestis para tais religiões teria sido um dos grandes fatores que justificaria a presença de palavras advindas das línguas africanas.

Sobre o curso gradativo e progressivo de transformação e de desenvolvimento da língua portuguesa no país, Mendonça (2013) afirma que:

No período colonial, em sua maioria, as *lexias*⁶ são de origem banto, sendo associadas ao regime da escravidão, como por exemplo, *mucama*; outras são referentes a partes do corpo, funções e comportamentos sexuais e ainda hoje são estigmatizadas e classificadas na categoria de gírias e termos *chulos*, como por exemplo, *cabaço*, *tabaco*; algumas substituíram por completo as *lexias* portuguesas, como exemplo, *caçula*, *cochilar*. (Mendonça, 2013, p. 157.)

Mendonça (2013) apenas ratifica que as línguas negroafricanas deixaram marcas concretas na língua portuguesa do Brasil. Alguns desses traços mantêm suas formas antigas, outros foram ressignificados, reconfigurados com o tempo, ou substituíram seus respectivos vocábulos em português. Existem ainda aqueles que se referem especificamente ao campo da sexualidade, e parte deles compõem o que compreendemos por *bajubá*, como demonstram, preliminarmente, os dados.

⁴ *Ibid.*, (p. 19)

⁵ Diferente de Mendonça (2013), optamos pelo termo *vocábulo* no lugar de *lexia*, embora sejam consideradas sinônimas neste estudo.

⁶Vocábulo.

Partindo dessas considerações, este estudo intenciona compreender as prováveis relações entre línguas africanas (principalmente as de procedência iorubá/nagô⁷ ebanto/quimbundo⁸) e a formação do *bajubá*, vocabulário de grupo LGBTT, mais especificadamente daquele usado no município de Palmas, Tocantins, conforme apontam os dados coletados.

Léxico e vocabulário: palavra e vocábulo

O léxico situa-se numa intersecção linguística que absorve informações advindas de caminhos diversos: da fonética e da fonologia, da semântica, da morfologia, da sintaxe e das situações comunicativas, ou seja, da pragmática, entre outras. Estudar o sistema lexical de uma língua compreende levar em consideração alguns conceitos-base: o conceito de léxico e o de vocabulário. O léxico pode ser entendido como um sistema aberto e em expansão, por isso está em constante transformação. Já o vocabulário é o “conjunto de palavras que o locutor utiliza no momento, num ato de fala preciso. Também é a atualização de certo número de palavras pertencentes ao léxico individual do locutor” (Genouvrier e Peytard, 1985).

Segundo Guerra e Andrade (2012, p. 228), no que se refere à noção de palavra,⁹ unidade que possui uma complexidade de definições nos estudos das Ciências da Linguagem, há de se considerar a relação

de proximidade entre os conceitos de vocabulário e o de léxico. O vocabulário é sempre uma parte do léxico individual, o qual faz parte do léxico num sentido mais amplo, o global. O léxico global compreende o conjunto de palavras vigentes ou circulantes num determinado momento sócio-histórico. Nesse encadeamento de conceitos que envolvem o léxico, o meio social tem papel relevante no processo de ensino e de aprendizagem da língua. É o meio o responsável pelo modo como os falantes categorizam e selecionam as unidades da língua.

A lexicologia pode ser compreendida como o estudo científico do léxico. Tem como uma de suas tarefas examinar as relações do léxico de uma dada língua com o universo natural, social e cultural, a transposição de uma realidade infinita e contínua a um número de lexias. Biderman (2001, p. 169) apresenta a distinção de dois termos, próprios do estudo do léxico: lexema e lexia. Os primeiros manifestam-se no discurso, através de formas ora fixas, ora variáveis. A linguista ilustra o lexema MENINO, que pode manifestar-se como ‘menino’ e ‘meninos’. Diz que a essas formas, que aparecem no discurso, dá-se o nome de lexia.

Retomando a discussão léxico/vocabulário, Dubois (1978) diz que “lexema é a unidade de base do léxico, numa oposição, em que o léxico é colocado em relação à língua, e o vocabulário, com a fala”. Nesse caso pode-se opor o par ‘léxico/palavra’ ao par

⁷ Pessoa de Castro (2012, p. 18-19), autora do prefácio do livro de Medonça (2012), diz que a denominação *iorubá*, segundo o renomado historiador nigeriano SaburiBiobaku, vem do árabe *yariba*, através dos hauças, povo islamizado da região norte, da Nigéria, que assim chamava os seus vizinhos do antigo Império do Oyó. Atualmente aplica-se a um grupo linguístico de vários milhões de indivíduos, que, além do iorubá como língua comum, estão unidos por uma mesma cultura e tradição, tendo como centro religioso a cidade de Ilê-Ifé, considerada por eles como o berço da humanidade.

⁸ A região banto compreende um grupo de 300 línguas muito semelhantes, faladas em 21 países: Camarões, Chade, República

Centro-Africana, Guiné Equatorial, Gabão, Angola, Namíbia, República Popular do Congo (Congo-Brazzaville), República Democrática do Congo (RDC ou Congo-Kinshasa), Burundi, Ruanda, Uganda, Tanzânia, Quênia, Malavi, Zâmbia, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique, África do Sul. Entre elas, as de maior número de falantes no Brasil foram o quicongo, o quimbundo e o umbundo. O quicongo é falado na República Popular do Congo, na República Democrática do Congo e no norte de Angola. O quimbundo é a língua da região central de Angola. O umbundo é falado no sul de Angola e em Zâmbia. (Pessoa de Castro, 2005)

⁹ Ver o conceito de palavra discutido por Vilela (1994, p. 52).

‘vocabulário/vocábulo’: enquanto o primeiro par diz respeito à abstração da língua (à *langue* de Saussure), o segundo refere-se à concretude do discurso (à *parole* saussuriana). A partir dessa discussão, compreendemos que o termo ‘vocábulo’ pode ser considerado sinônimo de ‘lexia’, que, para Dubois (1978), é “uma unidade de comportamento léxico. [...] É, portanto, a unidade funcional significativa do discurso”. Assim lexema é dada como uma unidade da língua em estado de dicionário, na qual se percebe o significado; enquanto o vocábulo é reconhecidamente uma unidade do discurso, no qual se apreende o sentido. Galisson (1978 *apud* Andrade, 2010, p. 411) distingue vocabulário comum, compartilhado por todos os membros de uma comunidade linguística, do vocabulário especializado, que, afinal, provém do léxico geral da língua. Seguindo esse apontamento, Barbosa (1998, p. 40) esclarece a diferença entre termo e vocábulo, em que o primeiro está em nível de vocabulário especializado e o segundo, em nível de vocabulário comum:

[...] uma unidade lexical não é termo ou vocábulo em si mesma, mas, ao contrário, está em função ‘termo’ ou em função ‘vocábulo’ ou seja, o universo de discurso em que se insere determina seu estatuto, em cada caso. (Barbosa, 1998, p. 40)

Desse modo, ao conjunto de vocábulos que faz parte de determinada norma, atualizados em discurso, nomeamos como vocabulário. Lembramos também que, para alguns autores, a lexia, quando concretizada nos discursos de uma norma, é chamada de vocábulo.

Para este estudo a linguagem de grupo *bajubá* é abordada em nível de vocabulário. A unidade de referência é o vocábulo por entender-se que é uma unidade de comportamento léxico em nível de discurso.

O conjunto de vocábulos ora descritos situa-se em uma norma linguística e sociocultural, neste caso, a linguagem de grupo *bajubá*.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico consistiu em uma pesquisa de campo do tipo populacional, de natureza qualitativa e descritiva. Treze entrevistados fizeram parte da amostra, os quais afirmaram integrar o grupo LGBTT. Os entrevistados são provenientes de várias localidades do país, mas todos residentes no município de Palmas. Durante a coleta dos dados, foi utilizado um questionário semiestruturado, elaborado exclusivamente para a pesquisa. Ao se disporem a responder o questionário, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.¹⁰ O questionário constava de perguntas e de uma lista que poderia ser preenchida com palavras e expressões do conhecimento de cada entrevistado. Nessa etapa verificamos dois perfis de participantes: os que afirmavam não conhecer o *bajubá*, mas garantiam fazer uso de uma linguagem denominada por eles como “linguagem gay”, “linguagem homossexual”; e os que asseguravam conhecer e fazer uso de uma “linguagem homossexual”, reconhecendo-a por *bajubá*. Para examinar a eficácia do questionário, foi realizada uma calibragem. Participaram dessa fase quatro pessoas, residentes na cidade de Palmas, que afirmam fazer parte do grupo LGBTT. O objetivo da calibragem era verificar se a construção do questionário atenderia aos objetivos do estudo.

As palavras levantadas durante a pesquisa de campo foram compiladas em uma lista. Para essa etapa, a qual compreende a descrição dos dados, estabelecemos como referência os seguintes materiais

¹⁰ A pesquisa foi cadastrada e autorizada pelo Comitê de Ética da UFT.

de consulta: *Novo Dicionário Banto do Brasil* (Lopes, 2012), *Dicionário Yorubá-Português* (Beniste, 2011), *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* (Pessoa de Castro, 2005), *"Aurélia, a dicionária da língua afiada"* (Vip e Lib, 2006), *Novo dicionário da Língua Portuguesa* (Ferreira, 2010) e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss e Villar, 2010). Os três primeiros são dicionários especializados em línguas africanas; o quarto é um trabalho de levantamento de um vocabulário, intitulado pelos autores como específico da comunidade LGBTT. E os dois últimos são os dicionários mais conhecidos da língua portuguesa. O objetivo consistia em verificar, partindo da lista de vocábulos já levantada, as possíveis relações de procedência etimológica ou de origem de línguas africanas, especialmente as do grupo Níger-Congo (iorubá/nagô e banto).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fizemos as tabelas de palavras (simplificadas e completas) de origem *bajubá* tomando como referência os termos e as expressões especificados por Vip e Lib (2006) como sendo oriundos da linguagem de grupo LGBTT. A partir da delimitação dos vocábulos, comparamos os verbetes, os significados e as etimologias nos dicionários de língua portuguesa: *Novo dicionário da Língua Portuguesa* (Ferreira, 2010) e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss e Villar, 2010), e nos dicionários especializados de línguas africanas como o bilíngue *Dicionário Yorubá-Português* (Beniste, 2011) e os demais: *Novo dicionário banto do Brasil* (Lopes, 2012) e *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* (Pessoa de Castro, 2005).

A respeito das contribuições das línguas africanas para a formação do português brasileiro, Pessoa de Castro (2005) diz que

"[...] historicamente, por parte das línguas africanas, as do grupo banto foram as mais importantes no processo de configuração do perfil do português brasileiro, devido à antiguidade e superioridade numérica de seus falantes e à grandeza da dimensão alcançada pela sua distribuição humana no Brasil colonial." (Pessoa de Castro, 2005, p.74).

A observação da autora mostra como as línguas do grupo banto foram fundamentais para o aparecimento dos dialetos afro-brasileiros. Uma das razões para sua grande influência teria sido a superioridade demográfica em relação ao restante da população. Os dialetos afro-brasileiros constituíram-se, primeiramente, no campo das zonas de trabalho, senzalas, plantações e minas, em comunidades quilombolas e, com o passar do tempo, também nos núcleos urbanos, o que acabaria por desdobrar-se no estabelecimento das línguas litúrgicas (Pessoa de Castro, 2005, p.63).

Em relação às línguas litúrgicas, cada nação ou grupo possuía suas línguas principais, sendo a da nação jeje mina a língua ewe-fon; a da nação congolanga, o quicongo/quimbundo umbundo; e a da nação nagô-queto, o iorubá (nagô). O que possivelmente explicaria a interferência de línguas africanas distintas na constituição do *bajubá*.

Alguns autores perpassam essas questões acerca do percurso histórico e cultural do *bajubá* e tecem contribuições que servem como pontos norteadores para o estudo. Macdowell (2010, p. 39) aponta para a frequência de travestis nas expressões religiosas afro-brasileiras. O autor faz referência, em seu trabalho de pesquisa, ao grande número de travestis que mantiveram ou mantêm proximidade com os terreiros (muitos deles atuam como pais de santo), "pela familiaridade com a mitologia e a simbologia dos orixás, pelo conhecimento de

elementos litúrgicos e pela incorporação quase universal de expressões do iorubá à linguagem pela qual elas conversam entre si, chamada de “*pajubá*” (Macdowell, 2010, p. 34).

Pessoa de Castro (*apud* Silva Filho, 2010, s/p) diz que o

repertório linguístico, genericamente chamado de língua-de-santo na Bahia, compreende uma terminologia religiosa operacional, de caráter mágico-semântico e de aparente forma portuguesa, mas que repousa sobre sistemas lexicais de diferentes línguas africanas que provavelmente foram faladas no Brasil durante a escravidão, vindo a constituir uma língua ritual, mítica, que se acredita pertencer à nação do vodum, do orixá ou do inquice e não à determinada nação africana política atual. (Pessoa de Castro, 1983, p. 84 *apud* Silva Filho, 2010.

Santos (2011) cita o candomblé como uma das religiões no mundo que aceitam o “travestismo” como algo natural e intrínseco do ser humano. Acrescenta ainda que

[...] bajubá (pajubá), [é] a língua africana comum que os negros traficados como escravos para o Brasil colonial/imperialista encontraram para se comunicar. Formado basicamente pelas línguas de origem Nagô e pelo Iorubá, o Pajubá é um dialeto relativamente simples. Como seus praticantes não pretendiam produzir alta literatura, possui caráter muito mais nominativo (Santos, 2011, p. 21)

Santo, Silva e Oliveira (2011, p. 21) afirmam que, na condição de respeitadas, os homossexuais e

especialmente os travestis passaram a utilizar o *pajubá* como linguajar próprio, no dia a dia. Segundo os autores, com o passar do tempo, a linguagem passou a ser incorporada por outros grupos homossexuais, sofrendo naturalmente uma série de modificações, adaptações, inclusive com referências de outras línguas. Os autores apresentam um exemplo:

Os verbos, por exemplo, passaram a flexionar e a serem conjugados como os do português, mantendo apenas seu radical intacto, como, por exemplo, aquendar, do original infinitivo akuein, “prestar atenção”: eu aquendo/eu aquendei, ele aquenda/ele aquendou a esses verbos. Importante ressaltar que em grupos onde a necessidade do uso do pajubá não é tão grande como entre os transgêneros, a língua aparece mais como um acessório linguístico do que como um dialeto em si (Santos; Silva; Oliveira, 2011, p. 21-22)

No corpus levantado identificamos uma certa incidência de vocábulos de procedência de línguas africanas; notamos também que a ocorrência de vários deles faz referência à sexualidade de uma forma geral, a órgãos sexuais, funções fisiológicas, ou, ainda, à afetividade, dentre outras. Um ponto a se destacar é a contribuição da língua tupi na linguagem *bajubá* como nos exemplos: ‘picumã’ e ‘taba’. A seguir, como exemplificação, uma amostra da coleta de dados:

<i>Bajubá</i>	Aurélia, A Dicionária da língua afiada ¹	Dicionário Aurélio ²	Dicionário Houaiss ³	Dicionário Yorubá Português ⁴	Dicionário Banto ⁵	Falares africanos na Bahia ⁶
Ebô	S.m.1. Comida de santo na macumba; 2. Macumba em si.	S.m. Bras. 1. Rel. Oferenda ou sacrifício de animal votivo a um orixá. 2. Restr. Oferenda a Exu, que se deposita em encruzilhadas; despacho. 3. Oferenda feiticeira de finalidades malélicas. Etimologia: Do ior.	S.m. Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil. 1. no candomblé e seitas afins, sacrifício de animal votivo dedicado a um orixá ou oferenda feita em sua intenção Etimologia: orig. contrv.	(sem referência)	[Embê]s.m. Em terreiros de origem banta, sacrifício ritual de animais (OC). Provavelmente do quicongombe, onomatopeia do ruído de alguma coisa dura batendo sobre outra.	(kwa) 1.(°PS) – s. despacho, oferenda propiciatória a Exu e às divindades [...]. Cf. aqurijebô, elebô . Ver bozó ⁷ . 2. (LP) –s.m. (p.ext.) pessoa, coisa indesejável. Ver bobô. Cf. mandu. [Bozó] (banto) 1. (PS) –s.m. oferenda propiciatória.
Erê	1. S.m. Bofinho adolescente; 2. Adj. Criança, jovem.	Erê ⁴ :S.m. 1. Bras. Rel. Entidade (6) infantil, espírito menor, particular de cada iaô, que nasce durante a feitura de seu santo [...]. [V. fazer a cabeça (1).] Etimologia: Do ior.	S.m. Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil. ser espiritual infantil particular de cada iaô que costuma nela encarnar após os transe de incorporação do orixá de que ela faz de sacerdotisa. Etimologia: ior. ere 'jogo, brincadeira'.	[Ere]: s.1. Imagem. <i>Iginwonfigbê</i> - É de madeira que eles fizeram a imagem. 2. [Ere, Iré, Até]:s. Jogo, brincadeira. <i>Wónfíbóólisire</i> .	(sem referência)	(kwa) (°PS) –s. um dos estados de transe; espíritos infantis também cultuados pelos iniciados ao lado da divindade a que foram consagrados.
Mona	S.f. O termo originalmente designa mulher, mas é frequentemente usado para denominar	S.f.1. A fêmea do mono. 2. Pop. V. <i>bebedeira</i> (1). 3. Fam. Mau humor; anjo.	S.f. 1. fêmea do mono 2. Regionalismo: Rio de Janeiro. Uso: pejorativo. pessoa do	[Mônà]:part. Usada no fim de uma frase para indicar desafio, rebeldia. <i>Molú ù mônà</i> - Eu bati nele e	Mona ⁴ :s.f. A fêmea do MONO (BH). Mona ² :s.f. Pileque, bebedeira (AN). Nascentes (1996 b,	(banto) 1.(LS) –s. irmão ou irmã na religião. Cf. monadejé . Kik. <i>Mwana/ Kimb. Mona</i> , irmã, irmão. 2.

¹VIP, A; LIBI, F. *Aurélia, a Dicionária da Língua Afiada*. São Paulo: Editora do Bispo, 2006, 143p.

²FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

³HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

⁴BENISTE, José. *Dicionário Yorubá-Português*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

⁵LOPES, Nei. *Novo Dicionário Banto do Brasil*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

⁶PESSOA DE CASTRO, Yeda. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

⁷ Com equivalentes nas línguas Fon e Yorubá, sendo que alguns caracteres não possuem representação no teclado.

	homossexual masculino.	4. Boneca de pano. 5. Bras. RJ Pej. Mulher (1). Etimologia: Fem. de <i>mono</i> .	sexo feminino; mulher; 3. Regionalismo: Nordeste do Brasil, Sudeste do Brasil. Uso: informal. forma de tratamento entre homossexuais. Etimologia: orig. contr.	o farei novamente. [Mônà]:v. Saber, conhecer o caminho. <i>Ó mò⁸ nãilé mí</i> - Ele conhece o caminho da minha casa. <mò + ònã.	p.497). Mona ² :s.f. termo usado em terreiros de culto banto para designar meninas e mocinhas (OC). Do quimbundo <i>mona</i> , criança.	(°LS) –s. criança, menino-macho. Cf. muana . Kik. <i>Mwana/ Kimb. Mona</i> .
Odara	1. Adj. Bonito, elegante, vivaz; 2.S.f. (BA) Pauzão, jeba.	(sem referência)	Adj. de dois gêneros. Regionalismo: Brasil. 1. belo, bom, excelente etc. Etimologia: pal. do ior.	[Odaráyá] s. Pessoa esperta, pessoa viva, alegre. <dá + ara + yá.	(sem referência)	(kwa) (PS) –s. adj. Bom, bonito, esplêndido, muito bem; nome de Exu. Cf. oriodá ⁸ .
Picumã ⁹	S.m. Peruca, cabeleira; cabelo.	S.m. Bras. 1. V. <i>fuligem</i> . 2. Teia de aranha enegrecida pela fuligem. 3. Gir. V. <i>carapinha</i> (1). [Var.: <i>pucumã</i> ; sin. ger.: <i>taticumã</i> (q. v.)] Etimologia: Do tupi.	S.m. 1. m.q. fuligem 2. teia de aranha tornada negra pela ação da fuligem 3. Uso: informal. cabelo pixaim; carapinha. Etimologia: tupi <i>apeku'mã</i>	(sem referência)	(sem referência)	(sem referência)
Taba ¹⁰	S.f. Maconha.	Taba ⁴ : S.f. 1. Bras. Aldeia de ameríndios. Etimologia: Do tupi = 'aldeia'. Taba ² :S.f. 1. Bras. RS Tava. Etimologia: sem referência.	Taba ⁴ : S.f. Regionalismo: Brasil. aldeia indígena. Etimologia: tupi 'tava 'id'. S.f. Rubrica: ludologia. Taba ² : Regionalismo: Rio Grande do Sul. m.q. tava . Etimologia: sem referência.	[Tábà]: s. Cigarro. <i>Iwoni taba bi?</i> – Você tem um cigarro?; <i>Rara o, oro ni</i> – Não, é veneno. > <i>taba lile</i> – maconha. [Táábà]:v. Lavar as partes íntimas da pessoa com água após urinar ou	(sem referência)	(sem referência)

⁸ Com equivalente na língua Yorubá, sendo que alguns caracteres não possuem representação no teclado.

⁹ Cunha (2010, p. 495) diz: "picumãsm. 'fuligem, negro de fumo'. Do tupi *apeku'mã*". Já Tibiriça (1984, p. 61) lista: *apecumã*, fuligem, picumã.

¹⁰Para Tibiriça (1984, p. 174), *taba* é de origem tupi: aldeia, a casa principal, onde reside o chefe da aldeia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho dedicou-se a abordar o *bajubá* ou *pajubá* como representação sócio-histórica e cultural, considerado aqui como linguagem de grupo, pertencente ao universo LGBTT. A pesquisa teve

como recorte o município de Palmas, Tocantins. Os resultados sugerem que as línguas africanas, sobretudo aquelas pertencentes ao grupo Níger-Congo (iorubá/nagô e banto - quimbundo) possuem traços de

origem no *corpus* levantado. O trabalho foi realizado comparando-se a etimologia das palavras e expressões, bem como as acepções em dicionários de línguas africanas e de língua portuguesa.

Os dados corroboram ainda o uso e/ou apropriação de elementos linguísticos oriundos de práticas litúrgicas religiosas, inicialmente usadas por travestis. Alguns desses elementos foram adaptados, modificados ou alterados no aspecto fonético-fonológico, semântico-lexical e morfológico ou, ainda, foram tomados emprestado de outras línguas. O grupo que faz uso do *bajubá* no processo de interação social e cultural entende o vocabulário como uma forma de manutenção e de resguardo enquanto grupo minoritário, excluído e marginalizado pela sociedade. Ressaltamos também que, na amostra descrita, identificamos a contribuição da língua tupi com a extensão ou alteração de valor semântico.

Os resultados revelam-nos que o uso do *bajubá* remete, cada vez, a um *continuum* do privado para o público. Ou seja: vocábulos saem do ambiente privado LGBTT e passam a circular em novelas, músicas, programas humorísticos, séries de TV e redes sociais (Facebook, Twitter, etc.), como exemplo: *bophe*, *abalou*, *erê*, *odara*, *mona*. O que antes era encoberto por uma aura privada (exclusão e marginalização), começa a circular no espaço público, o que demonstra e reflete o caráter de constante mudança e adaptação ao meio social e cultural no qual os sujeitos fazem uso da língua.

AGRADECIMENTO

Este artigo é resultado de pesquisas de iniciação científica, PIBIC/PIBICT/CNPq, da Universidade Federal do Tocantins.

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida. **A unidade lexical no discurso etnoliterário**. Anais XIV CNFL, Rio de Janeiro, p. 408-418, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/408-418.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2015.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. **Acta Semiotica et Linguistica**. São Paulo: Plêiade; SBPL, v. 7, p. 25-44, 1998.
- BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**. Teoria lexical e linguística computacional. 2.ed.. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed.. Revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- DUBOIS, JEAN et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. **Linguística e o ensino do português**. Tradução de Rodolfo Ilari. Coimbra: Livraria Almedina, 1985.
- GUERRA, Míriam Martinez; ANDRADE, Karylleila de Santos Andrade. O léxico sob perspectiva: contribuições da lexicologia para o ensino de línguas. **Domínios de lingu@gem**, v. 6.n. 1, p. 226-241, 1 semestre 2012.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- LOPES, Nei. **Novo dicionário banto do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- MACDOWELL, Pedro de Lemos: **O espaço degenerado**:ensaio sobre o lugar travesti na cidade modernista. 2010. 99 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- MENDONÇA, Abilio. **Estudo onomasiológico do vocabulário da sexualidade em falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. 2013. 180 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens) - Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens. Universidade do estado da Bahia, Salvador. 2013. Disponível em: <http://www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2013/06/mendonca_abilio.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2014.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

PRETI, Dino. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

_____. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.

SANTOS, E. C. **A antropologia urbana como ferramenta para construção de um relato jornalístico sobre os jovens homossexuais que frequentam o Coreto Circular na Praça da República, em Belém do Pará**. Biblioteca *online* da Ciência da Comunicação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. UBI, Portugal, 2011. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/santos-elias-a-antropologia-urbana-como-ferramenta.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

_____; SILVA, Jéssica; OLIVEIRA, Leandro. **À sombra das mangueiras**. Durante o crepúsculo dominical jovens se reúnem no Coreto Circular da Praça da República, em Belém, para práticas homoafetivas. Biblioteca *online* da Ciência da Comunicação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. UBI, Portugal, 2011. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/santos-elias-a-antropologia-urbana-como-ferramenta.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

SILVA FILHO, M. R. **De Bajubá em Bajubá, onde será que vai dar?: apropriações, classificações e relações de poder em Belém-PA**. II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte. CD Virtual da II SBS Norte. Belém, 2010. Disponível em: <<http://www.sbsnorte2010.ufpa.br/site/anais/ARQUIVOS/GT6-75-30-20100831235143.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

TIBIRIÇA, Luis Caldas. **Dicionário de tupi-português, com esboço de gramática de tupi antigo**. 2.ed. São Paulo: Traço Editora, 1984.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

VIP, A; LIBI, F. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.